



## GRANDE ENTREVISTA

“O MINISTRO  
DA ECONOMIA  
É O MINISTRO  
DAS EMPRESAS.  
DÁ ALENTO  
E PUXA POR  
ELAS”







# Manuel Caldeira Cabral

É num trabalho de formiguinha que se revê quando percorre o País a visitar empresas, mas avisa que também há todo "um trabalho de estratégia" para tornar o crescimento económico mais sustentável. Um balanço a meio do mandato de um ministro sobre o qual muitos diziam que não iria aquecer o lugar

Texto Clara Teixeira e Tiago Freire / Foto Arlindo Camacho





## GRANDE ENTREVISTA

**D**ebita percentagens de crescimento sem consultar papéis e é difícil interromper-lhe o discurso, que traz na ponta da língua, quando tentamos mudar o rumo da conversa. Ao fim de hora e meia, admite não ter levado muito a sério os avisos do primeiro-ministro, quando este o aconselhou a mostrar-se menos “tímido” e “discreto” nas funções de ministro da Economia. “A relação com os investidores, de alguma discrição, tem sido importante para os resultados conseguidos”, diz Manuel Caldeira Cabral, assinalando que são muitas as empresas, para além da Google, que estão a escolher Portugal para criar ou expandir os seus centros de competências. Com a Ricon e com a antiga Triumph o desfecho não foi positivo, mas confessa que ainda não perdeu a esperança de encontrar investidores que queiram pegar numa parte ou na totalidade das empresas. “Esse é o meu papel”, responde aos críticos.

### O primeiro-ministro revelou que as intenções de investimento estrangeiro em análise na AICEP atingem mil milhões de euros. Que projetos podem suceder-se à Google e à Amazon?

Há várias empresas em contacto com o Governo que estão a ponderar transferir centros de competências para Portugal. Empresas das áreas tecnológicas, de plataformas...

### São gigantes, como a Google e a Amazon?

Comparando com a Google, quase todas as empresas são mais pequenas [risos]. São empresas, com uma dimensão mundial e com dezenas de milhares de trabalhadores, que estão a pensar abrir centros de competências e de serviços partilhados. Estão a olhar para Portugal para desenvolverem centros que já cá estão ou para trazerem novos centros, nas áreas tecnológicas, de engenharia ou financeira.

### O que falta para que a decisão de investimento da Amazon seja tomada?

Prefiro não comentar casos concretos. Estas empresas, quando estão a escolher onde instalar ou expandir o próximo centro, colocam Portugal na lista. Ao entrar nessa *short list*, tem condições para vencer. É um País de mão de obra qualificada, que acolhe bem as pessoas. Mas os investimentos só são anunciados quando já estão em fase de concretização. Anúncios precoces podem criar problemas em encontrar espaços físicos e podem ser contraproducentes. Temos feito tudo para ajudar estas empresas a virem para Portugal, mas o que não vamos fazer é anunciá-los antes do tempo.

### O investimento estrangeiro tem vindo a recuperar mas ainda está aquém dos níveis pré-crise. O crescimento é sustentável?

O aumento do investimento direto estrangeiro (IDE), no regime contratual, que tem incentivos e apoios, foi claramente superior aos mil milhões de euros em 2017. O aumento do *stock* [investimento deduzido do desinvestimento] revelou um incremento superior a 6 mil milhões de euros só no ano passado. Está a haver um investimento bastante grande e isso tem dois efeitos: gera crescimento no curto prazo, e gera potencial de crescimento futuro. A recuperação ainda está abaixo dos níveis anteriores à crise, mas em 2017 houve uma aceleração e o investimento registou um dos maiores crescimentos dos últimos 20 anos. A revisão em alta das projeções do crescimento para os próximos anos, por parte de quase todas as instituições internacionais, resulta desta aceleração do investimento, nacional e estrangeiro, em 2016 e 2017, que está também a acompanhar uma aceleração muito grande das exportações, que cresceram 11,9%.

### Confirma-se que as exportações já valem 42% do PIB?

E meio! 42,5% do PIB. É o valor mais alto de sempre. O crescimento das exportações foi o mais elevado desde 2011, e um dos três ou quatro maiores dos últimos 20 anos. O crescimento da economia é equilibrado porque está a acontecer tanto pelo lado da procura interna como pelo lado da procura externa, e é sustentável porque está a acontecer com uma recuperação forte do investimento. Não está só a aproveitar-se capacidade instalada mas também a criar-se nova capacidade e a atrair investimento em novos setores.

### Como é que o efeito Google pode ser ampliado?

O anúncio da Google criou um grande interesse, mas é um investimento que se segue a outros de deslocalização, ou de criação, em Portugal, de áreas de investigação por muitas outras empresas. Posso citar os casos da Siemens, que criou um centro de cibersegurança em Lisboa, da canadiana CGI, com um centro de *cloud computing* em Sintra, e da Vestas, que transferiu para o Porto um centro de engenharia e inovação em energias renováveis. Paralelamente, temos investimentos mais tradicionais na indústria, como o da Bosch, que está a criar, em Braga e Guimarães, cerca de 600 novos postos de trabalho em I&D para engenheiros e doutorados, ao mesmo tempo que está a expandir a sua atividade industrial com mais cerca de mil empregos fabris. A Faurecia fez um investimento grande na expansão da fábrica em Bragança, a Continental, a PSA... ➤









## GRANDE ENTREVISTA



## *Não estamos a afirmar a competitividade com base nos baixos salários, mas as empresas conseguem operar em Portugal com custos muito competitivos*

### ► Os investimentos industriais que está a referir são quase todos na área automóvel...

Está a acontecer algo muito interessante na indústria automóvel. Depois do alargamento, os novos investimentos foram para os países do Leste, mas agora estão a vir para Portugal e Espanha. Além da Continental – um investimento de 160 milhões de euros –, ou da Renault – um investimento de 150 milhões de euros –, há muitos investimentos de 10, 20, 30 milhões em empresas de componentes que vão fornecer grupos em Portugal mas também o grupo PSA na Galiza, cuja fábrica está a menos de 20 km da fronteira. Muitas empresas estão a investir no Norte de Portugal, posicionando-se para serem fornecedoras da PSA. Mas há outros investimentos, desde a indústria farmacêutica à aeronáutica ou ao turismo. Temos cerca de 40 novos hotéis desde o ano passado, mais 60 em construção, que poderão abrir este ano e no próximo, a que se juntam outros 200 em reestruturação.

### O que mudou na perceção que os investidores estrangeiros têm do País? A revisão do rating, que tardou mas lá mexeu? Ou são os custos de mão de obra e custos de instalação que ainda são baixos?

Mudou a política macroeconómica, que passou de contracionista a moderada, dando espaço para mais crescimento. Em cima disso, uma política de rendimentos que deu confiança aos cidadãos e aos agentes económicos, ajudando a acelerar o investimento privado das empresas não financeiras, que em 2017 cresceu cerca de 13% e foi o maior dos últimos 18 anos. O emprego está com o maior crescimento das últimas duas décadas. Subiu 3,7%, e o emprego jovem aumentou o dobro, mais de 7%. Está a haver uma recuperação com uma solidez grande. As empresas não contratam, nem aceleram o investimento, se não confiarem que a economia tem espaço para crescer.

### A confiança é que faz a diferença?

As empresas não avançaram enquanto olharam para a economia como algo que não acelerava, que não crescia. Ao libertar maior potencial de crescimento, através da política macroeconómica, criámos mais confiança nas empresas e nos cidadãos. Tudo isto foi feito mantendo uma política orçamental responsável, que já não é contracionista mas que continua o esforço de redução do défice, tal como tínhamos apresentado no cenário macroeconómico [do PS, elaborado antes das últimas eleições por uma equipa liderada por Mário Centeno, da qual Caldeira Cabral fez parte]. A estabilidade das políticas públicas também dá confiança. As empresas, mas também as pessoas, sentem que estão a vir para um País seguro, estável e onde existe um consenso político muito alargado sobre a abertura ao investimento, às exportações e ao turismo. Às vezes, não temos total consciência da instabilidade que se está a viver na Europa, com o Brexit e com fenómenos de instabilidade política em vários países.

### Portugal é hoje um destino mais seguro para o investimento do que Espanha, Grã-Bretanha ou mesmo os Estados Unidos da América?

As empresas estrangeiras estão a ver o País como um local mais interessante para investir, em termos de estabilidade e continuidade de políticas, porque estamos dentro do projeto europeu e temos tradições de abertura ao investimento estrangeiro e de acolhimento de estrangeiros. Nesse sentido, Portugal dá muito mais garantias do que outros países europeus. Para além deste quadro de estabilidade e de abertura, há fatores que têm que ver com a competitividade. Temos mão de obra muito qualificada, ao nível das melhores da UE. Na geração dos 25 aos 35 anos, temos uma percentagem de licenciados superior à da Alemanha nas áreas científicas e tecnológicas. Esta oferta de engenheiros e de profissionais qualificados está a atrair o investimento que vem à procura de talento nas áreas informática, financeira, de engenharia...





BI

## Da academia para a política

### Nome

Manuel de Herédia Caldeira Cabral

### Vida

Nasceu em Lisboa há quase 50 anos, cresceu em Carcavelos e viveu em Braga, onde deu aulas. É casado e tem dois filhos.

### Carreira

O País habituou-se a ouvi-lo como comentador nas televisões e nos mais diversos debates e conferências sobre economia, realizados de norte a sul do País. Como independente, foi eleito deputado pelo PS em Braga depois de ter feito parte do grupo de sábios, liderado por Mário Centeno, que desenhou o cenário macroeconómico com que António Costa se apresentou a eleições. Entre 2009 e 2011, acumulou a docência na Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho com funções de assessor dos ministros das Finanças e da Economia dos governos de José Sócrates. Antes de iniciar a carreira académica, que o levou a fazer o doutoramento na Universidade de Nottingham, foi jornalista do *Semanário Económico* e do *Diário Económico*.

### Além de qualificados, são baratos...

Se compararmos o preço do metro quadrado dos escritórios em Lisboa com o de Londres ou de Paris, ainda é quatro a cinco vezes mais barato. Se compararmos a qualidade das infraestruturas tecnológicas em Portugal, se calhar é melhor, e se compararmos os salários, ainda são mais baixos. Mas é o conjunto que faz o País mais competitivo. Não estamos a afirmar a competitividade com base nos baixos salários e no trabalho pouco qualificado, mas as empresas conseguem operar em Portugal com custos muito competitivos em relação a outros países europeus. Não estão a transferir áreas intensivas de mão de obra pouco qualificada, como faziam nos anos 80, mas sim atividades com alguma engenharia, com I&D, com qualificação técnica, porque reconhecem a qualidade da nossa mão de obra.

### A economia cresceu, o investimento privado também mas o investimento público não está a acompanhar. Isso pode ser uma vantagem para as contas públicas?

Em 2017 já houve um aumento do investimento público, que teve um crescimento mais forte até do que o investimento privado. Em 2018 vai continuar a crescer. Não devemos olhar para o investimento público como um instrumento de relançamento, mas antes como necessário e complementar ao investimento privado, para fazer face às necessidades da economia.

### São as empresas tecnológicas e as startups que vão pôr a economia a crescer? É este o modelo de desenvolvimento do Governo, depois do colapso de grandes empresas como o BES e a PT?

A dinâmica que vejo na economia portuguesa não é criada apenas pelo investimento estrangeiro. Perdemos grandes empresas, mas temos médias empresas que passaram dos 100 aos 300 milhões de euros em exportações. Temos muitas empresas industriais que são líderes mundiais, que cresceram muito nos últimos anos e que já não são pequenas. Nenhuma vai substituir a PT ou o BES, mas a PT ainda está cá, embora com outro nome, e o BES desapareceu mas o Novo Banco continua a existir. É óbvio que perdeu-se muito valor, mas apareceram muitos outros grupos que já são grandes, ou médios, e não são todos da área das startups. O crescimento é equilibrado, porque acontece tanto em setores mais tecnológicos como em setores tradicionais como a agricultura, a indústria automóvel ou o turismo. O turismo está a crescer cada vez mais. Em termos de receitas, subiu 19,7%, o que não se via desde a Expo'98.

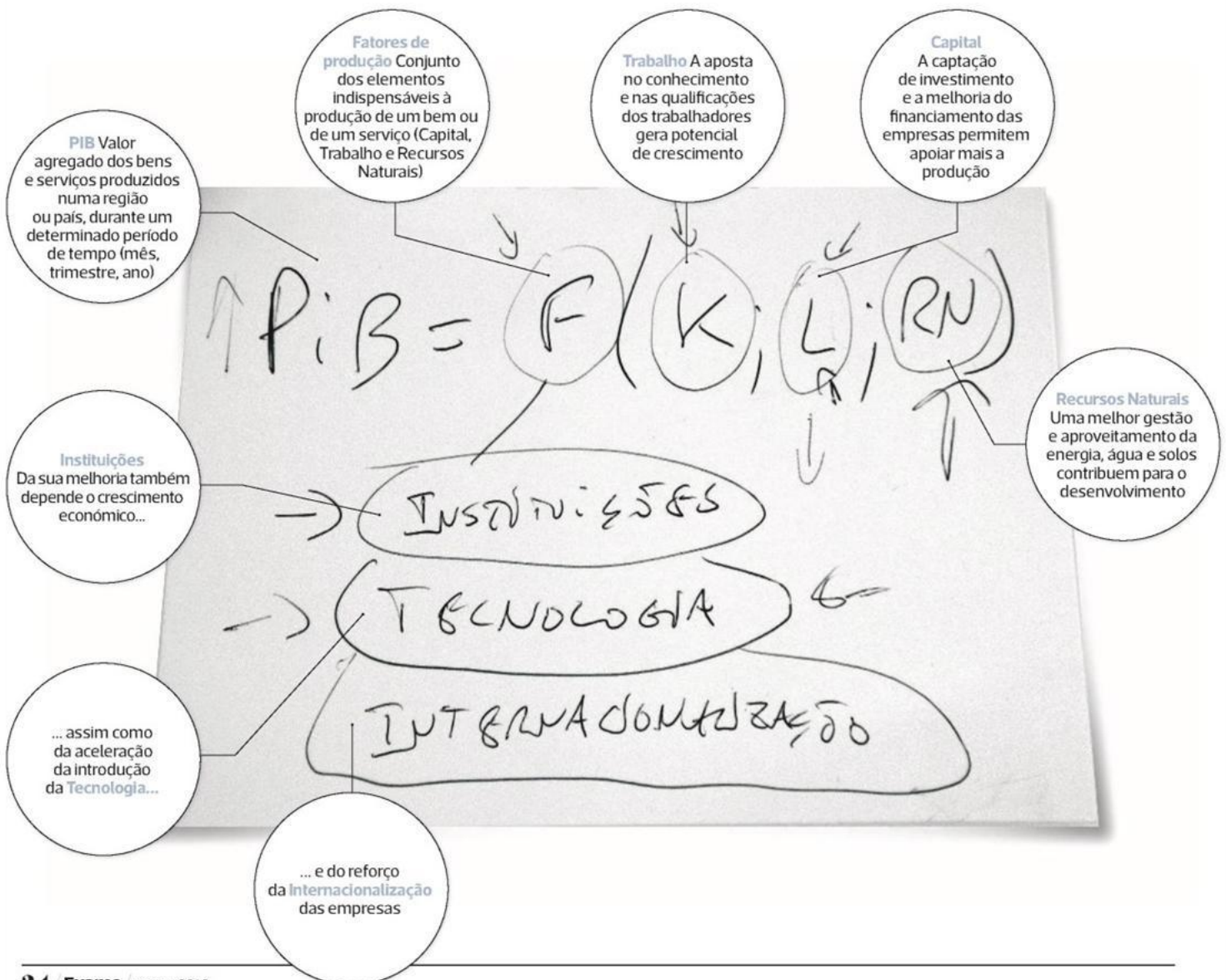
### O fecho da antiga Triumph e da Ricon são o outro lado do espelho? É uma espécie de preço a pagar pela captação das indústrias digitais para Portugal? Temos uma economia cheia de contradições?



## GRANDE ENTREVISTA

# RECEITA PARA O CRESCIMENTO

Durante a entrevista à EXAME, o ministro da Economia foi descrevendo, com recurso a papel e caneta, o modelo de desenvolvimento económico em que o Governo aposta. Segundo Caldeira Cabral, o crescimento sustentável do PIB português tem de ser conseguido tanto pela valorização dos fatores de produção (F) – qualificação dos trabalhadores (K), capitalização (L) e uma melhor gestão dos recursos naturais (RN) – como pela transformação do esforço em produção e qualidade de vida, através da melhoria contínua das instituições, da aceleração da adoção da tecnologia e do reforço da inserção internacional das empresas portuguesas.







## *Temos muitas empresas industriais que cresceram e já não são pequenas. Nenhuma vai substituir a PT ou o BES, mas a PT ainda está cá e o Novo Banco continua a existir*

► Pela primeira vez na última década, o emprego nos setores têxtil e do vestuário cresceu e as exportações também. Temos empresários a queixarem-se da falta de mão de obra treinada e, ao mesmo tempo, empresas a encerrar. Nesses casos, trata-se de questões ligadas aos grupos em que as empresas se inseriam. A Ricon teve lucros no ano anterior, mas estava endividada e tinha problemas na estrutura acionista. O grupo Triumph ressentiu-se de uma redução muito grande da procura, com o aparecimento de marcas concorrentes. A empresa fez um *downsizing* e criou uma situação social problemática. Tentámos encontrar investidores, mas a dimensão da empresa não tornou a tarefa fácil. Tenho esperança de que se encontrem investidores que comprem uma parte ou a totalidade das empresas, mas quando são grandes empresas e os processos acontecem rapidamente é mais difícil. No programa Capitalizar, uma parte importante das medidas tem que ver com a reestruturação empresarial. Muitas empresas acumularam dívidas e fecharam, mas outras, com a recuperação da economia, estão a crescer e a serem rentáveis. Mas como estão financeiramente asfixiadas, entram em insolvência se não forem reestruturadas. Por isso, insistimos muito em medidas como a transformação de créditos em capital. Estes mecanismos não vão evitar as falências, mas em muitos casos podem trazer soluções.

**O ministro da Economia vai a todo o lado, mas não voltou a aparecer em Sacavém, quando as trabalhadoras da Gramax decidiram não arrear pé da porta da fábrica...**

Estive lá há dois anos, no início deste Governo, quando a Triumph anunciou que ia fechar a fábrica. Recebi as trabalhadoras várias vezes no ministério, e estive com investidores a tentar arranjar uma solução. Entraram os investidores suíços mas não conseguiram recuperar. Já neste segundo período de dificuldades, a secretária de Estado da Indústria recebeu as trabalhadoras. Temos estado a trabalhar, discretamente, junto de investidores que queiram manter a fábrica a funcionar. Esse é o meu papel.

**Ainda é possível encontrar investidores?**

Há investidores interessados. Mostraram interesse, mas não concretizaram, e em alguns casos não tinham capacidade para ficar com uma fábrica daquela dimensão. Continuamos à procura. Houve muita agitação à volta deste caso por razões políticas. Os que estão a aproveitar-se estão a ajudar-se a si próprios, mas não estão a ajudar os trabalhadores e as trabalhadoras. Não é assim que se encontram soluções.

**Com metade do mandato já decorrido, concorda que o maior desafio é deixar as bases para que este crescimento seja sustentável, já que estamos a beneficiar de uma envolvente externa benigna e também de um efeito-base que era baixo?**

Quando chegámos ao Governo, demos prioridade a duas questões: repor os rendimentos das pessoas e reforçar o financiamento. Nos primeiros cem dias de mandato fizemos um plano para acelerar a execução dos fundos estruturais, que era muito baixa. Fizemos reformas, melhorámos os pagamentos, lançámos as linhas Capitalizar, no valor de 1600 milhões de euros, e reforçámos o financiamento às empresas. A adesão foi muito grande. Vamos lançar agora uma segunda fase das linhas Capitalizar, que reforçam as que já estavam esgotadas, especialmente para a exportação e para as *midcaps* com forte potencial de crescimento. Um dos problemas é que algumas empresas fizeram investimentos corretos no momento errado. O investimento foi feito em 2008 ou 2009, antes da crise, mas como a procura não correspondeu ao projetado as empresas tiveram de rolar créditos a taxas mais elevadas. Isso criou muitas dificuldades. Estas linhas, com garantia do Estado, com prazos de pagamento mais longos, ajudam a dar confiança às empresas, que podem fazer o investimento sem terem de pagar logo de volta o dinheiro ao banco. Passa-se o mesmo com os mecanismos de capitalização. As SIMFE [Sociedade de Investimento Mobiliário para Fomento da Economia] permitem o investimento em pequenas e médias empresas através de financiamento na bolsa... ►





## GRANDE ENTREVISTA

“

*A Baixa de Lisboa ficava deserta quando fechavam as lojas. Agora está cheia de turistas e de portugueses. Muitos bairros de Lisboa estão com um ambiente cosmopolita, nada contraditório com o resto da cidade*



## ► Falta agora ir para a bolsa...

Já há duas formadas, esperamos que haja mais. Estamos a alargar os mecanismos de financiamento. No curto e médio prazo, o relançamento económico precisa de melhores condições de financiamento. Com a descida dos juros e a melhoria do *rating*, vão melhorar para toda a economia. Mas estamos também a trabalhar na inovação. O nosso modelo de competitividade tem de assentar na diferenciação dos produtos portugueses. O programa Startup Portugal ajuda a que muitas empresas tecnológicas sobrevivam e cresçam com a rede de incubadoras. Essas empresas são muitas vezes feitas por duas, três, quatro pessoas, que sabem muito de tecnologia mas não de contabilidade ou de direito. E igualmente com os instrumentos de capital de risco, que criam apoios antes de as empresas arrancarem – com o Startup Voucher

– e apoios ao nível fiscal, com o Programa Semente. E também com o novo Fundo 200 M, para fases de aceleração em que as empresas não encontram financiamento em Portugal mas ainda não cresceram o suficiente para ir buscar financiamento ao estrangeiro. O Fundo 200 M vai facilitar o investimento por parte de entidades nacionais mas também atrair investidores internacionais, que podem coinvestir com apoio desse fundo.

**Tudo isso contribui, mas estrategicamente como se torna este crescimento sustentável? De que forma o Governo está a mudar o tecido empresarial e o modo como a economia vai funcionar?**

Dou-lhe um exemplo. Fizemos três programas ao nível da inovação. O Startup Portugal – em vários





## DIREITOS DE AUTOR

**“A posição portuguesa não vai ser alterada”**

Caldeira Cabral nega que a flexibilização dos argumentos de Portugal em matéria de direitos de autor, na União Europeia, tenha servido de moeda de troca para captar o investimento da Google. “A posição portuguesa vai

ser definida pelo Governo tendo em conta o equilíbrio entre garantir a proteção dos direitos de autor e não travar o desenvolvimento tecnológico. Não é o facto de a Google vir para Portugal que vai alterar isso.”

países, 40% do emprego jovem vem destas empresas tecnológicas de forte crescimento –, o Interface, de aceleração de transferência de tecnologia, e o programa Indústria 4.0. Fizemos um grupo para a indústria automóvel e de máquinas, onde a digitalização vai ter um impacto brutal; outro para o turismo; outro para a indústria da moda, em que a customização do produto pode gerar maior valor para as empresas. Durante os anos do ajustamento, andámos a discutir que, se um par de calças custava seis euros à porta da fábrica, tínhamos de reduzir para cinco e meio para sermos competitivos, eventualmente através da diminuição dos salários. Como esse par de calças, que sai a seis euros da fábrica, é vendido a 60 ou a 120 euros, temos que garantir que uma parte maior desse valor fica em Portugal. A customização, chegando diretamente aos clientes, vendendo diretamente para plataformas, tendo marcas ou trabalhando para as maiores marcas com produtos customizados, faz com que o valor cresça mais. Temos de aproveitar melhor a capacidade científica e de investigação para a transformar em valor económico. Há 20 ou 25 anos, Portugal começou a investir nas universidades, há dez anos não tinha nenhuma entre as 500 melhores do mundo, atualmente tem cinco – o mesmo número que a Finlândia, semelhante ao da Áustria e até superior ao da Irlanda. Ter universidades boas prestigia o País mas, só por si, não garante uma aceleração do crescimento.

**Como é que se pode trazer esse conhecimento científico para as empresas?**

Transformando esse conhecimento em inovação, ligada à tecnologia, a novos materiais, a processos de fabrico que transmitam mais informação aos consumidores. Em todos os países europeus há problemas na transferência de tecnologia, em comparação com os EUA, cujas universidades e instituições fazem isso muito bem utilizando o sistema militar, ou a área espacial, para desenvolver produtos com aplicações civis. Países como a Alemanha têm programas de transferência de tecnologia que são uma alavanca de competitividade das empresas. Estes programas podem criar valor, conjugando a economia digital com os setores tradicionais, fazendo com que estes possam não apenas sobreviver mas também crescer em exportações, em emprego e em valor. Em Portugal, podemos estar no pelotão da frente porque temos boas empresas tecnológicas e boas empresas industriais. A nossa estratégia de competitividade é uma estratégia com futuro, centrada em criar e apropriar valor. E é tão verdade para as indústrias da moda como é para os produtos alimentares ou para o turismo. No turismo, criou-se muito valor com as campanhas que puseram Portugal na moda. ➤





## GRANDE ENTREVISTA

ISABEL DOS SANTOS

### “Na Efacec, elogiei os acionistas que acreditaram na empresa”

Numa altura que sopram ventos de mudança em Angola, o ministro da Economia deslocou-se ao Grande Porto para apadrinhar o investimento de Isabel dos Santos na Efacec, uma das empresas em que a filha do ex-Presidente José Eduardo dos Santos detém uma posição de controlo. Quanto às aceleradas mudanças políticas num país economicamente tão ligado a Portugal, Manuel Caldeira Cabral não se quer pronunciar. “Não sou comentador”, sentencia.

#### Esteve recentemente na Efacec a elogiar a acionista Isabel dos Santos, considerada uma pessoa politicamente exposta em Angola...

Na visita à Efacec, referi, de forma muito positiva, a recuperação que aconteceu. É uma empresa líder em soluções de mobilidade elétrica, que apostou muito, ganhou *know-how* e conseguiu aumentar as vendas de dez milhões para 100 milhões de euros. Nesse contexto, elogiei o papel e a capacidade de inovação dos trabalhadores da Efacec, a capacidade da administração em retirar a empresa de uma situação que chegou a ser financeiramente difícil, e elogiei também os acionistas que acreditaram na empresa e que investiram numa altura em que muitos não acreditavam em Portugal. Foi nesse contexto que elogiei a acionista maioritária, e penso que bem. Os acionistas estrangeiros, em muitos casos, ajudaram as empresas a sobreviver e a crescer. Quando têm essa estratégia, devemos elogiá-los e afirmar Portugal como um país aberto ao investimento.

#### Como vê as nomeações e exonerações que o novo Presidente João Lourenço está a fazer em Angola?

Não tenho nenhum comentário sobre a política interna de Angola. Não sou comentador, não tenho nada a comentar.

Esse é o caminho certo para uma economia como a portuguesa.

#### Já não temos um turismo *low-cost*?

Estamos a evoluir muito mais para um turismo de qualidade do que só de baixo preço. O que não quer dizer que não tenhamos diferentes segmentos de turismo, mas o que se vê é um crescimento diferente. O número de turistas continua a crescer, mas as receitas do turismo estão a crescer quase o dobro desse valor.

#### Preocupa-o o crescimento muito rápido do turismo?

Queremos tornar o crescimento mais equilibrado ao longo do ano, em vez de se concentrar nas épocas altas. Nos últimos dois anos, o turismo tem crescido na época baixa quase ao dobro do que na época alta. Dá estabilidade ao setor, cria empregos mais estáveis e faz com que o turismo não crie tanta saturação. A segunda prioridade é um crescimento equilibrado em todo o território, com a promoção do turismo de natureza, para que os turistas que já vinham ao Algarve, a Lisboa, à Madeira e ao Porto conheçam também o resto do território. Em resultado disso, as zonas que mais cresceram foram o Centro, os Açores e o Alentejo, que estão longe de ser as regiões com maior intensidade de turismo.

#### Mas há ou não saturação nos centros de Lisboa e do Porto? Que responde aos críticos que dizem que o turismo está a prejudicar as nossas cidades?

Conheço muito bem Lisboa, Porto e Braga. Vivi nestas três cidades. Sei o que havia entre os Aliados e a Ribeira. A partir das oito da noite, estava tudo fechado. Essa zona mudou muito, para melhor. Hoje estão lá mais portugueses do que há cinco, seis, sete anos. A Baixa de Lisboa também ficava deserta quando fechavam as lojas. Agora está cheia de turistas e de portugueses. Muitos bairros de Lisboa estão com um ambiente cosmopolita, nada contraditório com o resto da cidade. Pode haver freguesias com maior densidade de turistas, mas o turismo teve um papel na recuperação de bairros muito degradados. Temos de alargar as áreas onde os turistas andam, dando-lhes oportunidade de conhecerem novas zonas e fazer com que o turismo contribua para renovar muito mais áreas de Lisboa e do Porto. Se for a Braga ou a Guimarães, vê muitos turistas, ao longo do ano, mas vê-os misturados com portugueses, que estão outra vez a sair mais. Queremos que o turismo continue a crescer, mas mais em valor do que em quantidade, como nos últimos dois anos. Queremos que cresça mais, nomeadamente para o interior do País, e que seja menos sazonal.





## Como ministro, estou a dar o meu melhor e estou muito bem no lugar

**Temos a economia portuguesa a crescer, mas as faces do sucesso são o primeiro-ministro e o ministro das Finanças. Como é que o ministro da Economia consegue ficar no retrato?**

A face deste crescimento é a de todo o Governo. Tenho muito orgulho no trabalho que está a ser feito pelo ministro da Economia, mas também pelo ministro do Planeamento, pelo ministro do Emprego, pelo ministro das Finanças, pelo ministro da Agricultura ou pela ministra da Presidência e da Modernização Administrativa. O crescimento faz-se com as empresas e é feito por elas. Num certo sentido, o ministro da Economia é o ministro das empresas. Dá alento, puxa por elas e tenta criar as melhores condições de financiamento e de funcionamento. É um trabalho de formiguinha. O Capitalizar tinha 84 medidas, cada uma deu muito trabalho. Fazer um programa desses mostra que, para além do trabalho de formiguinha, há um trabalho de estratégia, e não apenas do Ministério da Economia. E se há uma parte que é um trabalho de formiga, há também um trabalho prévio. Ouvimos os intervenientes antes de delinear medidas que são coerentes com as necessidades das pessoas, das empresas, e não são iniciativas avulsas mas programas com medidas que interagem umas com as outras.

**Muitos vaticinaram-lhe um mandato curto, fala-se sempre na maldição da Rua da Horta Seca [sede do ministério], mas passados dois anos continua a ser ministro. Resolveu seguir o conselho do primeiro-ministro e perdeu a timidez?**

Nunca me caracterizei por ser uma pessoa tímida. Mantenho alguma discrição no contacto com os investidores, e penso que eles apreciam isso. Alguns investimentos que estão a vir para Portugal resultam do trabalho de todo o Governo e das condições da economia portuguesa, mas foram facilitados por ter uma atitude discreta, de não andar a anunciar investimentos que depois não acontecem, e de não instrumentalizar os investidores colocando-os em situações desconfortáveis e assustando-os. Essa relação com os

investidores, de alguma discrição, tem sido importante para os resultados conseguidos. Tal como nas políticas. Muitas vezes não se percebeu porque não se anunciaram medidas atrás de medidas, mas nós desenvolvemos programas. Houve uma discussão com os vários atores e com os vários interessados, um trabalho de respostas coerentes ao que eram os problemas das empresas, e só depois a apresentação de um conjunto de medidas. Não foi feito com muita propaganda. Se começássemos a anunciar medidas antes de estarem concluídas, isso iria condicionar a discussão e muitos agentes iriam questionar o que estávamos a fazer.

**Ainda não tem saudades do seu gabinete na Universidade do Minho?**

Não... Eu acho que temos de viver cada fase da nossa vida dando o nosso melhor. Quando vou às feiras internacionais, do calçado ou do vestuário, encontro muitos antigos alunos que hoje estão nas empresas da região de Braga, Guimarães e do Vale do Ave. Sou bem recebido por eles, muito acarinhado. Mais do que isso, há um reconhecimento de que quando dava aulas me empenhava totalmente em motivar os alunos, para aprenderem, para questionarem. Hoje, como ministro, estou a dar o meu melhor e estou muito bem no lugar. Aqueles que vaticinaram a minha saída fizeram apostas muito claras, mas erraram. Este Governo teve muitos profetas da desgraça a dizer que as coisas iam correr mal, que ia chegar o diabo, que as políticas iam pôr em causa a competitividade e o crescimento. E a verdade é que estamos a crescer acima da média da União Europeia, o que não acontecia há muitos anos. Temos um crescimento das exportações maior do que em qualquer um dos anos do anterior Governo e demonstrámos que era possível subir o salário mínimo aumentando o emprego e o investimento. Muitas dessas pessoas reconhecem não só que estavam erradas mas também que a sociedade portuguesa está melhor, que muitas coisas que fizemos se revelaram corretas e que Portugal está melhor. E queremos que daqui a dois anos, quando terminarmos o mandato, se continue a dizer isto. ●



## GRANDE ENTREVISTA

CONJUNTURA

# País acelera, mas ainda com limite de velocidade

A economia está a crescer mais e há mais portugueses empregados, mas muitas das **feridas da crise** ainda não cicatrizaram / Texto Nuno Aguiar

**É** difícil negar que os últimos trimestres não mostraram uma economia portuguesa mais sólida e mais dinâmica. A evolução é observável em praticamente todos os indicadores, com o crescimento do PIB a sintetizar bem esta melhoria, apresentando uma aceleração significativa no ano passado. No entanto, embora a economia esteja a progredir mais rápido, ela tem ainda de lidar com obstáculos que constituem limites de velocidade. Há feridas da crise ainda por cicatrizar – da qualidade do emprego ao crédito malparado – e dificuldades estruturais que nos acompanham há décadas.

Talvez as expectativas iniciais estivessem demasiado baixas. Há perto de um ano e meio, o FMI esperava que a economia portuguesa crescesse 1% e 1,1% em 2017 e 2018. Hoje está substancialmente mais otimista, estimando 2,2% e 2,6% para cada um desses anos. A Comissão Europeia fez um caminho semelhante, com revisões em alta superiores a um ponto percentual.

A atividade nacional está, em parte, a surfar num ciclo positivo que se alastra por toda a Europa. Esta melhoria foi acompanhada por uma descida do desempre-

go e um reforço da população empregada. Nos últimos dois anos, foram criados mais de 240 mil postos de trabalho, enquanto a taxa de desemprego abandonou os dois dígitos e está agora perto de 8%.

O Governo tem usado esses dois indicadores – PIB e emprego – como medalhas, mas os motivos para o otimismo são transversais a várias rubricas: as famílias estão a comprar mais, as empresas continuam a aumentar as vendas de mercadorias ao estrangeiro, ao passo que o turismo ainda não parou de bater recordes. Mais recentemente, até o investimento deu sinais de vida.

Mas esse é precisamente um dos indicadores que nos mostram como os problemas estão longe de estarem terminados. O investimento em Portugal chegou a superar os €11 mil milhões por ano, mas nesta recuperação – mesmo depois de a crise ter trazido uma forte degradação do capital – não consegue sequer alcançar os oito mil milhões/ano.

Até no mercado de trabalho, em que os progressos têm sido inquestionáveis, existem fatores de preocupação debaixo de uma superfície de otimismo. O peso dos trabalhadores precários não diminuiu nos últimos dois anos e continua a ser um dos mais elevados da Europa. Além disso, o desenvolvimento de atividades como o

turismo, embora este esteja a reforçar o emprego, está a alocar mão de obra a atividades de valor acrescentado mais baixo, muitas vezes com salários reduzidos.

Ainda assim, a principal fonte de preocupação continua a estar no sistema financeiro. É verdade que os maiores problemas de solvabilidade foram sendo resolvidos, mas isso não significa que os bancos não tenham ainda alguns esqueletos no armário. Mais de uma em cada quatro empresas não é capaz de cumprir os seus compromissos junto da banca e mais de 15% do crédito total está malparado. Números que ajudam a explicar as dificuldades em reanimar o fluxo de crédito à economia. As novas operações de empréstimos ascendem a menos de metade do nível pré-crise, e a recuperação praticamente ainda não se vê.

Numa perspetiva mais estrutural, Portugal enfrenta as dificuldades típicas de uma economia com baixo nível de conhecimento, com anos de atraso a recuperar na educação e ainda demasiado dependente de atividades com baixo valor acrescentado. Enquanto esses limites de velocidade permanecerem – e eles demorarão muitos anos a desaparecer –, Portugal continuará a seguir as vagas europeias e a festejar crescimentos acima de 2%. ●





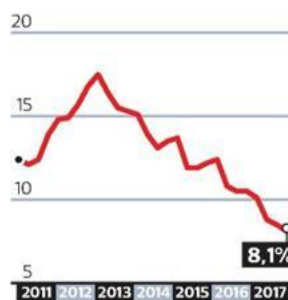
## O PIB está forte mas não conta tudo

Depois dos anos de chumbo do resgate financeiro, a economia portuguesa tem vindo a recuperar nos indicadores mais importantes, nomeadamente o PIB e o emprego. Mas o malparado continua a ser um problema e o investimento tarda em arrancar

### PONTOS POSITIVOS

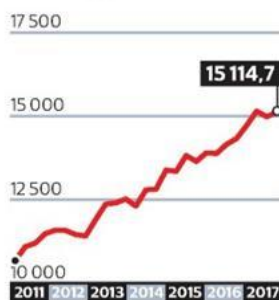
#### TAXA DE DESEMPREGO

EM %



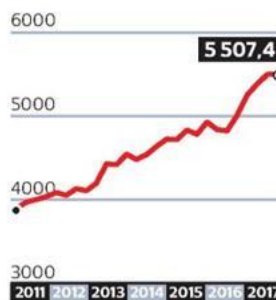
#### EXPORTAÇÕES - BENS

EM MILHÕES DE EUROS



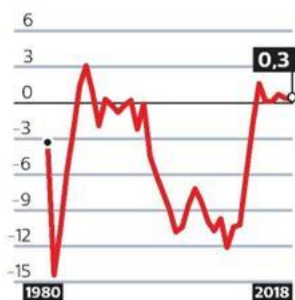
#### EXPORTAÇÕES - SERVIÇOS

EM MILHÕES DE EUROS

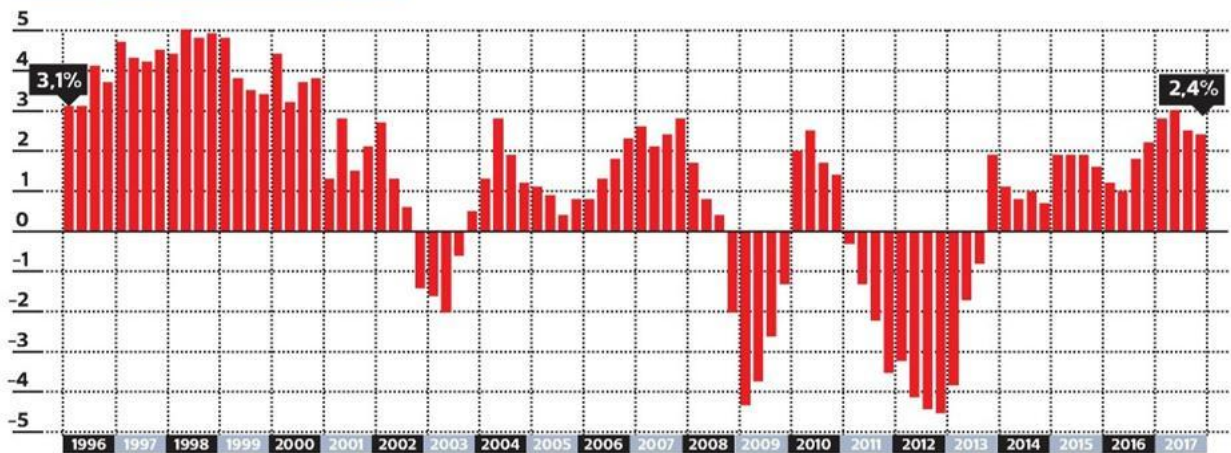


#### SALDO EXTERNO

% DO PIB



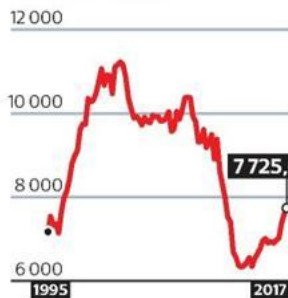
### VARIAÇÃO HOMÓLOGA DO PIB



### PONTOS NEGATIVOS

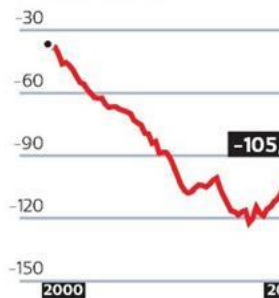
#### FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO

EM MILHÕES DE EUROS



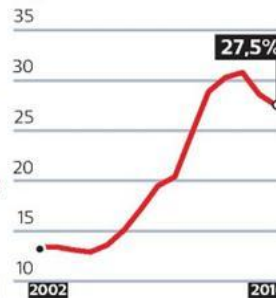
#### POSIÇÃO DE INVESTIMENTO INTERNACIONAL

EM % PIB - PORTUGAL



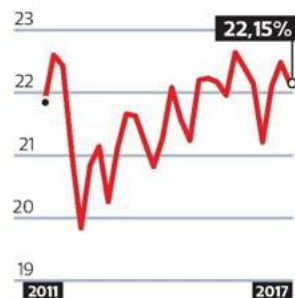
#### EMPRESAS COM CRÉDITO MALPARADO

EM %



#### TRABALHADORES COM VÍNCULO PRECÁRIO

EM %



FONTE: INE, Banco de Portugal, Portada e cálculos EXAME

INFOGRAFIA MEUSÉVIO